

Abílio Pires Lousada e Jorge Silva Rocha (Coord.)



# PORTUGAL

## Na 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial

### Uma História Militar Concisa



Comissão Portuguesa de História Militar

# Portugal na 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial

Uma História Militar Concisa

## TÍTULO

Portugal na 1.ª Guerra Mundial  
Uma História Militar Concisa

## COORDENAÇÃO:

Abílio Pires Lousada e Jorge Silva Rocha

## AUTORES:

Abílio Pires Lousada, Adelino Matos Coelho, Alexandre de Sousa Pinto, Ana Leal de Faria, Ana Paula Pires, António Marcos de Andrade, António Mimoso e Carvalho, António Pedro Vicente, António Silva Ribeiro, Armando Malheiro da Silva, Augusto Alves Salgado, Bruno J. Navarro, Carlos Manuel Valentim, Carlos Silveira, Fernando Rita, Filipe Ribeiro de Meneses, Francisco Proença Garcia, Graça Fernandes, Helena da Silva, Humberto Nuno de Oliveira, Isabel Pestana Marques, João Figueira, João José Brandão Ferreira, João Moreira Tavares, João Vieira Borges, Jorge Silva Rocha, José Alves dos Santos, José Antunes Calçada, José de Ataíde Banazol, José Leiria Pinto, José Luiz Assis, José Madaleno Geraldo, José Paulo Berger, José Manuel Pedroso da Silva, José Rodrigues Pereira, Júlio Rodrigues da Silva, Luís Alves de Fraga, Luís Barroso, Luís Sodré Albuquerque, Marco Fortunato Arrifes, Margarida Portela, Maria Alice Samara, Mário de Oliveira Cardoso, Miguel Albuquerque, Miguel Freire, Noémia Malva Novais, Nuno Mira Vaz, Paulo Guinote, Paulo Jorge Estrela, Pedro Aires Oliveira, Pedro Soares Martinez, Renato Marques Pinto, Rui Moura, Sérgio Veludo Coelho

## EDIÇÃO:

Comissão Portuguesa de História Militar

## CAPA:

Jorge Silva Rocha (CPHM)

(Imagens da capa: Pinturas de Adriano Sousa Lopes e José Joaquim Ramos - Museu Militar de Lisboa)

## COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Rainho & Neves – Artes Gráficas

Novembro de 2018

TIRAGEM: 750 Exemplares

## DEPÓSITO LEGAL:

449018/18

ISBN: 978-989-8593-17-7

Todos os direitos reservados

Nota: Nesta obra colectiva, respeitou-se a opção de cada um dos autores quanto à aplicação do acordo ortográfico.



# Portugal na 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial

Uma História Militar Concisa

# ARQUIVOS E FONTES PRIMÁRIAS

*João Moreira Tavares*

## ENQUADRAMENTO

A guerra de 1914/18 marcou a geração que a viveu, mas também muitas outras que a sucederam e anunciou o começo de uma nova era. Naturalmente, de um evento tão marcante e traumático resultaram abundantes testemunhos, sob as mais variadas formas. Uns mais visíveis e significativos do que outros, mas todos eles recordam e dão a conhecer este acontecimento tão relevante na História mundial. Na toponímia, nos monumentos das nossas vilas e cidades, nas artes – nomeadamente na literatura, escultura, pintura, fotografia e no cinema – e na memória oral e popular das gentes. Porém, é sobretudo nos arquivos que podem ser encontrados os testemunhos mais relevantes para o estudo e compreensão da Grande Guerra, pela sua abundância, diversidade, conteúdo informativo e rigor inerentes à sua produção num contexto contemporâneo, por razões de ordem burocrática, administrativa, política, económica ou militar, entre outras, por parte das mais diversas entidades, particulares e coletivas, civis e militares. São eles os documentos, de diferentes tipologias (correspondência, relatórios, memorandos, circulares, relações, fotografias, desenhos, croquis, mapas, processos e boletins individuais,...) e suportes (papel, microfilme, digital, negativos,...), cuja consulta é indispensável a qualquer estudo académico ou até a uma simples procura de informações sobre um antepassado, do qual se sabe apenas que esteve na guerra, mas tudo o resto se ignora.

A presente evocação da participação portuguesa na Grande Guerra, ao longo dos últimos quatro anos, muito tem contribuído para a divulgação desse envolvimento e suas repercussões; para um crescente interesse em aprofundar o conhecimento sobre este período e para que novas publicações e investigações tenham surgido, somando-se às já existentes, complementando-as e ampliando-as. Nalguns casos, trazendo novas interpretações e causando algumas polémicas. Justifica-se, por isso, (re)visitar os arquivos por aqueles que já

por eles passaram para ver o que poderá haver de novo e dá-los a conhecer a todos os outros que ainda neles não entraram.

## CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Este texto tem a pretensão de guiar o leitor por esse mundo dos arquivos e das fontes primárias, isto é, de um jeito simplista, por todas aquelas que são testemunhos coevos, independentemente do seu formato, que nos podem dar a conhecer a realidade da guerra sem filtros, “em primeira mão”, produzidas por aqueles que a viveram; na maioria dos casos, de forma não intencional, no cumprimento quotidiano das suas tarefas, desprovido de qualquer interesse particular ou justificativo dos seus atos, sem as análises ponderadas e juízos de valor próprios das fontes secundárias e distinguindo-se destas, precisamente, neste ponto. Se conseguirmos orientar o leitor com sucesso nesse mundo, tantas vezes, considerado hermético, estará cumprida a nossa missão. Não seremos, porém, exaustivos, pois nem todos os arquivos serão referenciados, nem tudo aquilo que existe será mencionado. Tal seria impossível de fazer, tamanha é a quantidade e a diversidade das fontes e o espaço que nos foi dado para a todas fazer referência. Procurou-se, sim, apresentar uma abordagem abrangente e variada, demonstrativa daquilo que poderá ser consultado, onde e como. Compreensivelmente, privilegiaram-se temáticas mais procuradas, mas também outras ainda pouco exploradas, procurando ir ao encontro do interesse da maioria dos leitores, mas também estimular o aparecimento de novos trabalhos e interpretações no âmbito da História militar nacional. Afinal, apesar de decorridos 100 anos, há, ainda, muito por conhecer e fazer.

Antes de avançar, é necessário, porém, ter em conta que:

- a) Os arquivos só guardam a documentação que lhes foi entregue. Quer isto dizer que por incompetência e desleixo dos homens ou, simplesmente, no decorrer normal das atividades das entidades produtoras dos documentos, parte deles se extraviou ou foi destruída. O que explica a “abundância” de documentação nuns casos e a existência de pouca documentação ou, mesmo, a ausência noutros casos, impedindo um apuramento mais detalhado dos acontecimentos passados ou, de todo, a sua reconstituição.
- b) Os arquivos, por norma, têm à sua guarda a documentação produzida pelas entidades nas quais se inserem e/ou têm uma relação de afinidade. Isto é, a título exemplificativo, os arquivos militares têm os documentos dos ramos das Forças Armadas (FA) e cada um desses ramos tem os seus próprios arquivos, incluindo os registos pessoais dos indivíduos que neles serviram e a documentação proveniente do extinto ministério das Colónias/ Ultramar, das possessões ultramarinas ou com elas relacionadas está, naturalmente, na posse do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU).
- c) Há certas temáticas que pela sua abrangência e envolverem a intervenção de diferentes entidades levam a que a documentação relativa a determinados factos se encontre dispersa por mais do que um arquivo. O campo das relações internacionais é disso exemplo máximo. O envio das nossas expedições militares para Angola e Moçambique é outro exemplo. Por isso, é necessário ter a consciência que há temáticas que nos “obrigam” a percorrer mais do que um arquivo, pois elas não são estanques e há que estar preparado para isso, mesmo, até, se necessário, no estrangeiro, em diferentes países.

d) A consulta realizada em múltiplos arquivos, nacionais e internacionais, complementa-se, não se devendo sobrevalorizar uns arquivos em detrimento de outros. Tal como num puzzle, uns poderão ter mais peças e as que são maiores, mas para a visão total da imagem e o puzzle completo todas as peças são precisas, mesmo as mais pequenas. Por vezes, são estas que fazem “a ligação” entre as peças maiores, tornando só, assim, possível a perceção da imagem nele contida. A pergunta que nos surgiu num arquivo poderá ter resposta noutra, quando se trata, por exemplo, da troca de correspondência entre duas entidades ou dois países. É preciso conhecer ambos os lados, ambas as visões dos envolvidos para compreender a tomada das decisões que moldaram a História. O que poderá haver, sim, é um arquivo cujo acervo documental, pela abundância e relevância dos seus documentos para uma certa temática, o eleve sobre todos os restantes ou que, pela especificidade do seu conteúdo, o torne único, por só nele existir a documentação que se procura. Mas a primeira circunstância nunca poderá fazer dele “o único e bom” arquivo. Até porque poderá suceder que num arquivo por todos menorizado e esquecido, entre os seus fundos<sup>1</sup>, venham a surgir documentos inéditos, que inclusive possam vir dar “uma nova luz” sobre velhas e debatidas questões nunca antes totalmente esclarecidas ou até vir a desfazer “verdades tidas como absolutas”. Basta para tal, que nova documentação seja disponibilizada à consulta pública, depois de ter estado anos à espera da oportunidade de ser devidamente tratada e inventariada e, eventualmente, desclassificada. Basta, ainda, que um investigador mais “curioso” e diligente a descubra, afinal, onde ela sempre esteve, mas ninguém antes a soube ver e compreender.

## CAMINHOS A SEGUIR

Começaremos a nossa orientação pelos arquivos nacionais, os principais detentores de um legado que os nossos antepassados nos deixaram sobre a participação lusa na guerra, que a todos nós pertence e cabe preservar para os vindouros e os mais acessíveis pela proximidade geográfica e pela partilha do idioma comum. Passaremos, depois, aos arquivos estrangeiros, onde através do olhar dos outros podemos analisar a nossa passagem pela guerra doutro prisma, mas donde a distância e a diferença linguística nos afastam e dificultam a pesquisa e a consulta da documentação. Quando se justifique, indicaremos ferramentas de acesso, rápido e fácil, às fontes depositadas nos arquivos, bem como fontes impressas, de referência e complementares, que podem constituir-se como excelentes e úteis instrumentos de apoio à realização de qualquer investigação. Fontes cuja consulta é genérica, pela variada informação nelas contida e pela sua dispersão física, mercê da existência de vários exemplares distribuídos por diversos arquivos e bibliotecas e que, nalguns casos, até podem ser facilmente encontradas *online*.

### Os arquivos nacionais

Nos últimos anos, em Portugal, um conjunto de iniciativas tem vindo a facilitar, e muito, o acesso aos *registos pessoais dos combatentes* na Grande Guerra, sobretudo dos que combateram na frente europeia.

O Arquivo Histórico Militar (AHM), guardião da documentação histórica do

Exército Português, disponibilizou, numa aplicação de pesquisa e consulta *online* da sua documentação, denominada *Archeevo*<sup>2</sup>, os boletins individuais (também designados por fichas) dos militares e equiparados do Corpo Expedicionário Português (CEP) enviado para França. Obedecendo a um formato padronizado, normalmente manuscritos, eles fornecem-nos dados biográficos sobre os militares e equiparados a que dizem respeito (nome, estado civil, filiação, naturalidade, parente vivo mais próximo e sua residência) e um breve resumo da sua passagem pelo CEP, desde o seu embarque até ao seu regresso ou morte. A pesquisa pelo nome do indivíduo ou pela naturalidade, a consulta e reprodução dos boletins são, assim, possíveis de uma forma rápida, fácil e descentralizada. Estes são os documentos mais conhecidos e procurados do denominado fundo do CEP, constante na 1ª Divisão/35ª Secção, de acordo com a organização do acervo do AHM.

A informação obtida pode e deve ser complementada com a contida nos processos individuais dos militares. Ainda no AHM, para os oficiais que tenham falecido até 1969 (inclusive). Para os que tenham falecido depois deste ano e para todos os restantes militares (sargentos, cabos e soldados) do Exército, que tenham lutado em França e/ou em África, a investigação deverá ser feita no Arquivo Geral do Exército – o outro arquivo do Exército, o intermédio<sup>3</sup> – sendo para tal necessário e imprescindível conhecer: o nome completo, a naturalidade e a data de nascimento (pelo menos o ano) do militar, pois aqui a sua pesquisa é exclusivamente manual e assenta nas relações de recenseamentos, organizadas por concelhos e anos.

Para todos os militares da Marinha a pesquisa deverá ser feita exclusivamente nas instalações da Biblioteca Central da Marinha – Arquivo Histórico (BCM-AH), nos livros Mestres (oficiais) e das Séries (sargentos e praças) aí mantidos e noutra documentação que sirva o mesmo propósito, como as cadernetas, as ordens do Dia e da Armada e os livros dos batalhões expedicionários.

Fotografias individuais dos militares do Exército são praticamente inexistentes, exceto para os oficiais, as quais podem ser pedidas no AHM. Para os oficiais, sargentos e praças da Marinha há mais fotografias, que estão disponíveis *online* no respetivo arquivo.

No que se refere aos combatentes que morreram na guerra, exclusivamente para os que faleceram ao serviço do CEP, há mais informação no AHM, no designado *Livro dos Mortos por Concelhos*<sup>4</sup>. Nele se obtém a data de nascimento que não consta no boletim do CEP e outros dados que neste possam estar omissos (filiação, naturalidade, residência e data de morte), mas a sua consulta tem que ser realizada presencialmente na sala de leitura.

Para todos os falecidos na Europa, em África e no mar, de todos os ramos das FA, dos quais foi possível encontrar registo (6232 indivíduos), a pesquisa dos seus dados pessoais e a visualização do seu local de sepultura (só para grande parte dos do CEP) é igualmente possível *online* no *Memorial Virtual aos Mortos na Grande Guerra*<sup>5</sup>, que concentra e organiza a informação extraída de diferentes fontes primárias de diversos arquivos. Acresce a essa informação disponibilizada um conjunto de dados estatísticos sobre as causas e locais de morte dos combatentes e no Memorial também é possível a consulta dos boletins individuais dos militares e equiparados falecidos do CEP, existentes no AHM, através de uma ligação que foi criada para o *Archeevo*.

No que se refere, ainda, aos combatentes mortos na guerra, para todos aqueles que



aos familiares foi reconhecido o direito a receber a devida pensão de sangue, no Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças existe um fundo, da Direção-Geral de Contabilidade Pública, com processos relativos à sua atribuição e, nesse fundo, uma lista intitulada *Relação nominal dos indivíduos falecidos por motivo de guerra, com indicação das pensões legadas, número e qualidade dos herdeiros, importância das pensões, segundo a lei francesa, e respetiva capitalização nos termos da mesma lei* que, para além de fornecer os dados que o seu título indicia, permite saber o posto e a data da morte do militar e a campanha em que serviu e, igualmente, o cofre por onde eram abonadas as pensões<sup>6</sup>. O documento está disponível *online*, em formato pdf. Todavia, não apresenta qualquer índice que permita uma localização fácil e expedita do(s) indivíduo(s) a procurar.

Caso se queira aprofundar mais a investigação sobre um determinado militar, no AHM, nas ordens de serviço da(s) unidade(s) em que esse militar serviu, se elas existirem na 1ª Divisão/35ª Secção para as que tenham integrado o CEP e na 3ª Divisão/11ª Secção para as unidades donde os militares foram mobilizados para a guerra e aonde terão regressado e passado à disponibilidade, poderão ser encontrados mais alguns elementos sobre o seu quotidiano que, eventualmente, não constem no respetivo boletim e processo individual. Alerta-se, porém, que para muitas unidades não existem ordens de serviço ou, caso existam, poderão não corresponder aos anos da guerra. Ocasionalmente, nas monografias das unidades do CEP é feita referência a militares cuja identificação é dada a conhecer. Não são muitas as situações, sobretudo para os de mais baixa patente (sargentos, cabos e soldados). No entanto, essas monografias, mesmo sem os identificar, dão-nos a conhecer as suas vivências e os acontecimentos em que possam ter participado, ajudando a contextualizar, no tempo e nos espaços, a passagem dos militares por terras de França. Uma outra fonte disponível, quando os militares tenham sido internados nalgum hospital militar de campanha, é a documentação relativa a esses hospitais, concretamente relações ou fichas de doentes, que também podem ser encontradas no AHM, na sua 1ª Divisão/35ª Secção.

Por último, uma outra situação, que abrangeu milhares de militares do CEP, a de prisioneiro de guerra. Igualmente no AHM, na sua 1ª Divisão/35ª Secção, existem relações de prisioneiros, umas pequenas fichas pessoais e inquéritos que lhes foram feitos depois de libertados, sobre o tratamento a que foram sujeitos na Alemanha. Relações e inquéritos que também podem ser encontrados no Arquivo Histórico Diplomático (AHD), bem como outra documentação, nomeadamente no que se refere ao repatriamento dos militares e a negociações e acordos estabelecidos.

Para ambas as situações, doentes e prisioneiros, no Arquivo Histórico da Cruz Vermelha Portuguesa decorrente do auxílio prestado por esta instituição durante a guerra, podem também ser encontrados registos de militares internados e prisioneiros (livros de doentes, listagens e fichas individuais), relatórios, correspondência, credenciais e cartões de identidade de funcionários da instituição e das *Damas Enfermeiras*, voluntárias que em França socorreram os militares nacionais. Entre os boletins individuais do CEP existentes no AHM contam-se também uns que dizem respeito a estas enfermeiras.

Para terminar este périplo pelos registos pessoais dos combatentes, para os que sobreviveram ao conflito e aderiram à Liga dos Combatentes (LC), no arquivo desta instituição existem os processos individuais dos sócios que contêm alguma informação

sobre a sua atividade militar. Mais uma vez, aqui também é possível aceder a alguma informação sobre prisioneiros de guerra e, ainda, a documentação sobre a *Cruzada das Mulheres Portuguesas*, uma organização de voluntárias fundada para prestar apoio moral e material às vítimas de guerra, mas que também prestou cuidados de enfermagem. Listagens de militares mortos e sepultados nos cemitérios europeus fazem igualmente parte do acervo do arquivo da LC. Neste domínio, destaque-se o processo sobre a trasladação de França para Portugal do soldado Curado, o primeiro morto em combate do CEP, sobre a qual há também documentação no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT).

Sobre *a nossa intervenção em França*, sobretudo, para o envolvimento militar, do ponto de vista administrativo, logístico, técnico e tático, o AHM é o principal detentor da documentação necessária ao seu estudo, nomeadamente na já mencionada 1ª Divisão/35ª Secção – Fundo do CEP, aquele que encerra em si o maior e mais importante núcleo de documentação sobre a Grande Guerra neste arquivo. Nele podem ser desenvolvidas múltiplas temáticas e seguidos numerosos caminhos. Para além do envio, permanência e regresso do CEP, a prévia preparação das tropas em Tancos, a oposição à sua partida para a frente, a defesa do continente e ilhas adjacentes, as relações com a Inglaterra e a França, o museu português da Grande Guerra e o Corpo de Artilharia Pesada e Independente (CAPI) são também algumas das principais temáticas que podem ser investigadas recorrendo aos inúmeros documentos contidos neste enorme acervo. Monografias, mapas da força, quadros orgânicos, relações de baixas, ordens de serviço de unidades, ordens de batalha do Corpo, relatórios, circulares, manuais, regulamentos, propaganda, cartografia, fotografias da linha da frente e correspondência trocada entre diferentes entidades, nacionais e estrangeiras, entre muitos outros documentos, dão-nos a conhecer a realidade, crua e nua, da guerra, aqui e acolá, pontuada por apontamentos pessoais, alguns mais íntimos, dos combatentes, de que são exemplo as diversas cartas particulares apreendidas pela censura postal militar. Nas monografias das unidades do CEP, apesar do seu cariz oficial, igualmente, por vezes, transparecem sentimentos.

Dois outros registos pessoais são dignos de referência, não só por serem do próprio comandante do CEP, mas sobretudo pela natureza do seu conteúdo. O diário de campanha, repartido por sete cadernos manuscritos, onde diariamente o general Tamagnini escrevia as suas impressões e reflexões pessoais sobre os acontecimentos vividos durante o seu comando do CEP e o manuscrito de um livro de memórias a que chamou *Os Meus Três Comandos*, mas que não chegou a publicar. Os preciosos manuscritos encontram-se no seu fundo particular (o 51) depositado, desde 1957, no AHM e acabaram por ser publicados, muitos anos depois, o que constitui um importante contributo para a divulgação destes dois documentos inéditos e, em especial, para o estudo da participação portuguesa na frente europeia<sup>7</sup>.

Também no AHM, refere-se a existência de dois outros fundos particulares (o 55 e o 59) de combatentes do CEP, respetivamente, do capitão David Magno e do general Gomes da Costa, que em conjunto com a documentação já citada e outra contida no fundo do general Tamagnini, concorrem para um maior conhecimento e compreensão da nossa intervenção na guerra, complementando a documentação existente na 1ª Divisão/35ª Secção.

Ainda intrinsecamente ligada à nossa intervenção em França, a prévia concentração e

preparação das tropas em Tancos é uma temática sobre a qual a documentação é abundante e diversificada. Para além, dos documentos constantes na 1ª Divisão/35ª Secção, que incidem particularmente na preparação do polígono para acolher a Divisão de Instrução, noutra fundo do AHM, na 3ª Divisão/5ª Secção, estão os relatórios relativos à instrução ministrada às tropas.

Já sobre a *nossa intervenção em África* é no AHU que se concentra a maior parte da documentação, decorrente da organização das diversas expedições militares pelo Ministério das Colónias. E é, precisamente, sob a designação de Expedições Militares – Angola e Moçambique na 1ª Guerra Mundial que se encontram agrupados e identificados os muitos e variados documentos alusivos a estas expedições, procedentes da 5ª Repartição da Direção-Geral das Colónias, dos arquivos das próprias expedições e do arquivo Massano de Amorim, sendo a maioria relativos a Moçambique, pelo maior número de expedições para lá enviadas e pela maior intensidade e abrangência temporal das operações militares nesta colónia. Livros de assentamentos; ordens de serviço; registos hospitalares, contabilísticos, de aquisição de equipamentos e materiais; correspondência; diários de operações e de campanha; relatórios de operações, de reconhecimentos e dos chefes militares das expedições são exemplos do tipo de documentos disponíveis.

Entre a documentação relativa à Comissão de Cartografia (1883-1936) – o outro principal núcleo agregador de documentação sobre a nossa intervenção em África e que, entre outros assuntos, contém os que dizem respeito à navegação para as colónias e serviços da marinha mercante – pode ser consultada a que se refere aos transportes associados às expedições, à passagem e permanência de navios ingleses pelos portos nacionais, a despesas e reparações de guerra, à defesa de S. Vicente (Cabo Verde) e à ação dos submarinos. Informações sobre a situação de prisioneiros de guerra, tanto alemães como portugueses e, ainda, *boers* podem também aqui ser obtidas.

A informação disponível no AHU deverá ser complementada com a existente no AHM que, na sua 2ª Divisão, nas 2ª, 7ª e 10ª Secções, constituídas com documentação, respetivamente, referente a Angola, Moçambique e ao Ultramar, tem, sobretudo, relatórios das diferentes expedições e as relações, por unidades, dos militares mortos e acrescida com a existente no BCM-AH, onde está a documentação dos batalhões expedicionários que a Armada organizou e enviou para Angola e Moçambique e do destacamento que mandou para Cabo Verde.

A guerra, porém, não se limitou a ser travada em África e em França. Há uma outra faceta menos conhecida, dado que tem sido quase ignorada e pouco estudada, que se refere à *defesa da metrópole e ilhas adjacentes* da ameaça dos submarinos alemães e, mesmo, dos ataques por eles perpetrados aos Açores e à Madeira. No AHM, na sua 3ª Divisão/1ª Secção, podem ser encontrados os estudos e projetos relativos à preparação contra uma agressão externa, mas é, naturalmente, no BCM-AH e nos arquivos regionais que está concentrado o maior número de documentos sobre a organização da defesa marítima de portos, costas e ilhas e as ações realizadas para contrariar os ataques nos arquipélagos.

No caso dos Açores, no Arquivo do Museu Militar dos Açores (AMMA) e na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (BPARPD). O primeiro, guarda o acervo herdado do Comando Militar dos Açores. O segundo, o do Alto Comissariado da

República nos Açores e demais órgãos da Administração Pública regional e autárquica. Destaque para a organização da defesa do arquipélago, a instalação da base naval norteamericana, a passagem e presença de navios estrangeiros, a ação dos submarinos alemães nas águas nacionais incluindo o ataque a Ponta Delgada ocorrido a 4 de julho de 1917 e o, sobejamente conhecido, afundamento do navio “Augusto Castilho” e a epidemia de gripe pneumónica do outono de 1918.

Na Madeira, no seu arquivo regional e biblioteca pública, sobressaem os diversos testemunhos fotográficos sobre o ataque ao Funchal e a navios ancorados no seu porto, realizado por um submarino no dia 3 de dezembro de 1916 e respetivas consequências, concretamente a homenagem prestada às vítimas e a trasladação, já em 1921, dos corpos dos marinheiros franceses mortos naquele ataque. Também do outro ataque alemão ao Funchal, ocorrido a 12 de dezembro de 1917, existem registos, bem como da passagem pela cidade, em 1921, dos restos mortais do Soldado Desconhecido vindo de África na sua viagem para Lisboa.

No *campo das relações internacionais*, é no AHD que as diversas diligências político-diplomáticas, realizadas entre o Estado Português e os Aliados, os países inimigos e neutrais, podem ser estudadas. São muitos os assuntos tratados. Desde as negociações para a entrada de Portugal na guerra, cooperação com os Aliados e concessões que lhes foram feitas; passando pelo apresamento dos navios da Alemanha e seus aliados, pelos bens e direitos dos súbditos inimigos e, em sentido contrário, dos interesses e bens portugueses em países adversários; até, já no pós-guerra, à conferência e aos tratados de paz, às reparações de guerra devidas a Portugal pela Alemanha, nomeadamente pelo afundamento de navios e por prejuízos causados em Angola, em Moçambique e nas ilhas adjacentes e, por fim, à constituição da Sociedade das Nações. Atos de espionagem; informações diversas vindas do exterior; a visita do Presidente da República à frente europeia; despesas e dívidas de guerra por compras de material, munições e armamento; mortos, prisioneiros e feridos nacionais, nomeadamente no que se refere à sua sepultura, repatriamento, negociações e acordos estabelecidos são outras temáticas para as quais existe documentação. Veja-se, em especial, as Direções dos Negócios Políticos, Económicos e Consulares/Comissão Executiva da Conferência de Paz, as Direções dos Negócios Políticos, Económicos e Consulares/Direção-Geral dos Negócios Políticos e Diplomáticos/Repartição dos Negócios Políticos e, ainda, o arquivo pessoal de Augusto Vasconcelos, que contém correspondência deste diplomata em Madrid e em Londres, no período da guerra, trocada com Afonso Costa, Bernardino Machado e João Chagas, entre outras personalidades. Refira-se, ainda, o Livro Branco sobre a entrada de Portugal na guerra e, por fim, *os prisioneiros alemães e austro-húngaros no nosso País*, na sua grande maioria civis, detidos em vários campos de internamento criados especificamente para o efeito nos Açores, em Angola, Moçambique e no continente. Esta interessante temática, ainda pouco estudada e conhecida, está presente no AHD, mas não só, remetendo-nos novamente para o AHM, o AHU e o AMMA e para mais outro arquivo: o ANTT.

No AHM, na 2ª Divisão/7ª Secção e na 3ª Divisão/17ª Secção, podem ser encontradas, por exemplo, relações e fichas de cadastro individuais dos detidos, fotografias deles e plantas e imagens dos campos, sobretudo dos de Lourenço Marques e das Caldas da Rainha. Por eles

ficamos a saber quem eram (nome, naturalidade, idade, profissão,...), qual a sua situação e que percurso seguiram depois de presos e no pós-guerra. No AHU, na documentação da Comissão de Cartografia, existe diversa correspondência e informações sobre os navios apresados à Alemanha e à Áustria nas possessões ultramarinas, a situação e transporte dos prisioneiros destes países. O AMMA tem documentação referente aos detidos nos Açores, em especial, na fortaleza de São João Batista, em Angra do Heroísmo, que Sérgio Rezendes, na sua tese de mestrado e num artigo na *Revista Insulana*, identifica e dá a conhecer<sup>8</sup>. São processos e correspondência (notas e ofícios de 1916 a 1919) do Comando Militar dos Açores trocada com várias entidades sobre o Depósito de Concentrados, o seu pessoal e os detidos. O ANTT, por sua vez, guarda a documentação relativa à Intendência dos Bens dos Inimigos, um organismo criado, no seio do Ministério das Finanças, para superintender a administração, fiscalização, gestão e liquidação dos bens arrolados aos súbditos dos países das Potências Centrais ou deles descendentes ou que com eles mantinham relações comerciais ou empresariais. Esta secção (PT/TT/MF-GM/IBI), inserida no subfundo do Gabinete do Ministro, é composta por correspondência trocada, processos de arrolamento dos bens, contas correntes e cadernetas individuais dos valores em numerário, títulos e objetos preciosos arrolados e depositados na Caixa Geral de Depósitos (de indivíduos e empresas).

No *campo do debate político interno*, no Arquivo Histórico Parlamentar (AHP), nomeadamente, nos fundos do Senado e do Congresso da República, assumem particular relevância as Atas das Sessões Secretas do Senado<sup>9</sup> (disponíveis *online*), os relatos das reuniões da Comissão de Guerra e a legislação criada no contexto do conflito. Neste arquivo, sugere-se, ainda, a consulta dos trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito do Incêndio ao Depósito de Fardamentos, da Câmara dos Deputados e a consulta dos papéis particulares (parcialmente disponíveis *online*) de João Pereira Bastos, oficial do Exército e ministro da Guerra; memórias da sua vida profissional e política, abrangendo vários assuntos entre os quais se destacam o contexto interno da participação portuguesa na guerra e o auto do corpo de delito contra o general Sousa Rosa.

*Nos domínios económico e social* poderá ser encontrada muita e diversa documentação, sendo o seu principal e óbvio repositório o ANTT, guardião dos fundos dos diferentes ministérios e demais órgãos da Administração Pública, organizados de acordo com as respetivas áreas governativas. Para melhor compreender essa abrangência e como referência e orientação, sugere-se a leitura atenta da tese de doutoramento de Ana Paula Pires dedicada aos impactos da guerra na vida económico-financeira nacional e à constituição de uma economia de guerra no País<sup>10</sup>.

Por último, algumas palavras sobre as, também muitas e diversificadas, coleções de *imagens da guerra*, já parcialmente aludidas, dispersas por vários arquivos e bibliotecas nacionais. As fotografias de Arnaldo Garcês e de Joshua Benoliel são as mais conhecidas e difundidas por publicações e instituições. O primeiro, a convite e expensas do Governo português, retratou as manobras de Tancos e a presença do CEP em França e as suas fotografias podem ser vistas no AHM (estão disponíveis *online*) e na LC e, ainda, sob a forma de postais. O segundo, retratou sobretudo a partida e os desfiles das tropas em Lisboa, o seu regresso, a vida quotidiana na capital, figuras políticas e as sessões extraordinárias da Câmara dos

Deputados e as suas fotografias estão disponíveis igualmente no AHM, no ANTT, no Arquivo Municipal de Lisboa/Fotográfico (AML/F) e no AHP. Todavia, outros fotógrafos retrataram a guerra. Alberto Carlos Lima, A. Moura (em Moçambique) e Artur Barros Basto, oficial do CEP e fotógrafo amador, são alguns exemplos. Os seus trabalhos podem ser vistos, respetivamente, no AML/F, no AHM e no Centro Português de Fotografia. Porém, também há muitas outras fotografias, parte de autores não identificados, de África e outros locais, referentes a exércitos e a frentes de batalha em que o Exército Português não esteve presente; às homenagens aos que participaram e morreram na guerra prestadas após o seu fim, sob a forma de desfiles de ex-combatentes, cerimónias militares e religiosas e inauguração de monumentos. O AHM, o AML/F, o ANTT (veja-se as do jornal “O Século”) e a LC guardam nos seus acervos estas fotografias. Os três primeiros arquivos disponibilizam, mesmo, parte delas *online*. Sobre os militares, unidades, instalações e navios da Armada e, ainda, navios da marinha mercante o principal núcleo fotográfico encontra-se no BCM-AH.

Cartazes, desenhos, postais e caricaturas completam a iconografia da Grande Guerra, de diferentes autores e proveniências, nacionais e estrangeiros. Vejam-se, por exemplo, as coleções da Biblioteca Nacional (BN), onde parte está acessível *online* e do AHM. Neste último, destaca-se ainda a sua cartografia (veja-se a 3ª Divisão/47ª Secção), uma outra forma de representação gráfica da realidade, ilustrativa dos teatros de operações africano e europeu.

No campo das imagens em movimento, filmes e documentários, o Arquivo Nacional das Imagens em Movimento, o mais importante arquivo do cinema português, conta no seu acervo com algumas preciosidades, entre outras: os documentários alemães dos afundamentos do “Augusto Castilho” e do lugre “Rio Cávado”; a saída do Regimento de Infantaria n.º 19 (RI 19) de Chaves rumo a Lisboa para daí seguir para Angola, em 1914; o regresso do Presidente da República a Lisboa, depois da sua visita, em 1917, ao CEP e dois documentários, de produtores diferentes, sobre as cerimónias de homenagem aos Soldados Desconhecidos realizadas em 1921 (todos podem ser vistos *online*).

## **Os arquivos estrangeiros**

O périplo pelos arquivos já vai longo, mas não se pode terminá-lo sem deixar de dedicar algumas palavras, ainda que curtas, a alguns arquivos estrangeiros por proporcionarem uma “outra visão” sobre a participação portuguesa na guerra e complementarem a informação recolhida nos arquivos nacionais.

Continuando o fio condutor acima seguido, no campo da imagem destacam-se: os curtos *filmes* do Gaumont Pathé Archives (França) sobre: as visitas oficiais de Norton de Matos e Bernardino Machado a França (1917) e a do marechal Joffre a Portugal (1921), os embarques de tropas para África, a chegada a Brest do CEP (1917) e a instrução do RI 19 em Chaves (1915) e no Imperial War Museum (IWM), no Reino Unido, os cerca de 20 filmes, britânicos e franceses, dedicados também à visita do Presidente da República a França, a Inglaterra e às tropas do CEP. Destes salienta-se um filme (disponível *online*), dividido em duas partes, totalizando mais de 30 minutos, sobre a instrução e a presença nas trincheiras dos militares portugueses e outras películas sobre a ofensiva alemã de abril

de 1918, com imagens de militares portugueses no pós-batalha do Lys. O desfile da Vitória (em Londres) e o treino das tropas em Inglaterra são outras das temáticas presentes.

No domínio da *fotografia*, distribuídas por coleções e subcoleções diversas, no IWM existem cerca de 170 fotos, algumas dezenas das quais serão de Arnaldo Garcês e a maioria são de fotógrafos britânicos (Armando Consolé, Ernest Brooks, George Lewis, Horace Nicholls, John Brooke e Thomas Aitken), havendo, ainda, de um alemão e de uma agência de fotógrafos. Retratam os chefes militares, o quotidiano das tropas em França e Inglaterra, trabalhadores civis portugueses, aquela que terá sido a primeira sepultura do soldado Curado e os efeitos da já citada ofensiva alemã, nomeadamente os portugueses aprisionados no Lys.

Ainda no IWM, são de destacar os vários depoimentos orais (disponíveis *online*) e escritos (papéis privados) de militares britânicos sobre a sua experiência de guerra, que contêm referências ao seu relacionamento com os militares nacionais e à opinião que deles tinham; em regra, pouco elogiosa, muito decorrente do colapso registado na defesa do sector português em La Lys.

No que se refere a *documentação oficial textual*, o envolvimento nacional na guerra, abrangendo múltiplos assuntos (recrutamento e emprego de trabalhadores civis, auxílio e libertação de prisioneiros lusos, fornecimento de material e armamento, organização e efetivos do CEP e do Corpo de Artilharia Pesada, mapas e plano de defesa do sector português, as missões militares britânica e francesa junto do CEP, negociações, convenções e tropas coloniais,...) pode ser objeto de estudo, em múltiplos fundos, no National Archives do Reino Unido e em França, no Archives Diplomatiques/Ministère des Affaires Étrangères e no Service Historique de la Défense.

Sobre a *frente africana*, com maior preponderância para o decorrer das operações em Moçambique, sugere-se a consulta do National Archives of South Africa e do Arquivo Histórico de Moçambique. O primeiro, possui documentação abrangendo várias temáticas: armamento, fornecimento de abastecimentos, exportação de cavalos, comércio com o inimigo, *boers*, censura, sublevações e uso de indígenas, prisioneiros, trocas de informações, movimentações militares e de pessoas. O segundo, guarda no fundo da Direção dos Serviços dos Negócios Indígenas – Militar, documentos sobre despesas com militares, recrutamento militar para a Companhia de Moçambique (1914) e noutros anos (1916 e 1918) e indemnizações às autoridades cafreais que em tempo de guerra combateram ao lado das forças portuguesas (1919/24); no fundo da Direção dos Serviços de Administração Civil – Secção Militar, documentação do Quartel-General (1914/23, exceto 1917) e na Direção de Administração Civil – Instrução e Culto, documentos alusivos a subscrições da Comissão de Padrões aos Mortos da Grande Guerra.

### **As fontes impressas**

As fontes impressas, mercê dos seus vários exemplares e dispersão física, podem ser consultadas em múltiplas instituições, nomeadamente na BN, na Hemeroteca Municipal de Lisboa e na Biblioteca do Exército, que nalguns casos as já disponibilizam *online*. Das muitas existentes, mencionaremos apenas algumas; aquelas que, por regra, são as mais emblemáticas e úteis como complemento ou apoio ao desenvolvimento de uma

investigação. A revista *Ilustração Portuguesa*, repositório gráfico por excelência da nossa participação na guerra, mas também de gravuras satíricas que se publicavam em órgãos estrangeiros e de reportagens sobre as cidades palco de combates. África, Tancos, o CEP, os mutilados e os prisioneiros tiveram nela lugar de destaque. Outra revista, *Portugal na Guerra*, criada especificamente para documentar a intervenção militar, constituiu-se como o periódico oficial do CEP. Embora com uma curta existência, contou com a colaboração literária de nomes de vulto e foi profusamente ilustrada com fotos de Arnaldo Garcês. No campo humorístico e satírico destacam-se *O Miau* e *O Século Cómico* que revelam a forma como o *cartoon* viu o impacto da guerra sobre a sociedade. Ainda na imprensa, o jornal *A Capital* distingue-se pelas reportagens e crónicas dos seus repórteres, alguns dos quais foram “soldados-repórteres”.

Noutros domínios, no técnico-militar, indica-se a *Revista Militar*, publicação já antiga e espaço de reflexão e informação que, naturalmente, deu lugar de destaque ao conflito, tanto a nível nacional como internacional; no legislativo, os *Diários do Governo* e as *Ordens do Exército* e no político, as transcrições dos debates parlamentares nos diários do Senado, do Congresso e da Câmara dos Deputados. Uma derradeira palavra para as memórias de combatentes, maioritariamente oficiais do CEP, com o relato das suas vivências por terras de França que foram publicadas após a guerra e nalguns casos, recentemente reeditadas (as de Américo Olavo, André Brun, Augusto Casimiro e Jaime Cortesão, são alguns exemplos).

## FONTES

### Principais fundos, publicações e temáticas

#### *Nacionais*

##### *Arquivo Contemporâneo do Ministério das Finanças*

DGCP/16/006 – Pensões de Sangue

##### *Arquivo do Museu Militar dos Açores*

Comando Militar dos Açores

##### *Arquivo Geral do Exército*

Processos Individuais

##### *Arquivo Histórico da Cruz Vermelha Portuguesa*

Damas Enfermeiras, prisioneiros de Guerra e cuidados médicos e de enfermagem

##### *Arquivo Histórico Diplomático*

3/MNE-SE-DNPEC/CECP – Comissão Executiva da Conferência de Paz

3/MNE-SE-DNPEC/DGNPD-RNP – Repartição dos Negócios Políticos

4/AV – Arquivo pessoal de Augusto Vasconcelos

##### *Arquivo Histórico Militar*

DIV/1/35 – CEP

DIV/1/35A – Boletins do CEP

DIV/2/2 – Angola

DIV/2/7 – Moçambique

DIV/2/10 – Ultramar



DIV/3/01 – Defesa  
DIV/3/05 – Instrução (Tancos)  
DIV/3/07 – Processos Individuais  
DIV/3/11 – Ordens de Serviço  
DIV/3/17 – Emigrados (Prisioneiros)  
DIV/3/47 – Mapoteca  
FE/010 – Iconografia  
FE/110 – Fototeca  
FE/CAVE/AG – Fotos (Arnaldo Garcês)  
FE/CAVE/GG – Fotos (Grande Guerra)  
FE/CAVE/JB – Fotos (Joshua Benoliel)  
FP/51 – Fernando Tamagnini  
FP/55 – David Magno  
FP/59 – Gomes da Costa

***Arquivo Histórico Parlamentar***

AJPB – Arquivo João Pereira Bastos  
BEN – Coleção Benoliel  
CDR – Câmara dos Deputados/Comissão Parlamentar de Inquérito do Incêndio ao Depósito de Fardamentos  
CR/DGSC/BARQ/UI6 – Decretos e Portarias do Governo que regulamentam a requisição de navios inimigos  
SEN/CGS – Comissão de Guerra do Senado  
SEN/MSEN/S5 – Atas das sessões secretas do Senado

***Arquivo Histórico Ultramarino***

Comissão de Cartografia (1883-1936)  
Expedições Militares – Angola e Moçambique na 1ª Guerra Mundial

***Arquivo Municipal de Lisboa/Fotográfico***

BEK/001 – Ana Maria Holstein Beck  
CMLSBAH/PCSP/004 – Alberto Carlos Lima, João Brito Galdes e Joshua Benoliel  
EFC – Sojornal

***Arquivo Nacional da Torre do Tombo***

EPJS/SF – Empresa Pública Jornal O Século/Serviço de Fotografia  
GAV/16 – Autos do lançamento da primeira pedra de monumentos aos mortos na Grande Guerra  
MF-GM/IBI – Intendência dos Bens dos Inimigos

***Arquivo Nacional das Imagens em Movimento***

Afundamento dos navios “Augusto Castilho” e “Rio Cávado”, cerimónias fúnebres dos Soldados Desconhecidos e visita do Presidente da República ao CEP

***Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira***

PER/A-B – Perestrellos Photographos

### ***Biblioteca Central da Marinha – Arquivo Histórico***

Documentação Avulsa (UI 1353, 1355, 1358, 1363, 1367, 1379, 1387, 1391/2, 1395 e 1396)

Documentação Encadernada:

Destacamento de Marinha a Cabo Verde

Forças Expedicionárias (Angola e Moçambique)

Livros das Séries (Sargentos e Praças)

Livros Mestres (Oficiais)

Núcleos/Fundos:

042 – Cruzador Adamastor

046 – Canhoneira Ibo

063 – Transporte Gil Eanes

075 – Contratorpedeiro Guadiana

107 – Caça-minas Roberto Ivens

112 – Cruzador Auxiliar Pedro Nunes

133 – Contratorpedeiro Douro

255 – Caça-minas Hermenegildo Capelo

262A – Caça-minas Augusto Castilho

320 – Relatórios e Correspondência Confidencial

419 – Ex-Gabinete Ministro da Marinha

446 – Primeira Grande Guerra

Secção Fotográfica (Militares e Navios)

### ***Biblioteca do Exército***

Ordens do Exército (*vide*: <http://biblioteca.exercito.pt/>)

### ***Biblioteca Nacional***

Coleção de Cartazes (*vide*: <http://purl.pt/398/1/index.html>)

### ***Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada***

ACD/GCPDL-ACRAÇ – Alto Comissariado da República nos Açores

### ***Centro Português de Fotografia***

ABB – Coleção Artur Barros Basto

### ***Hemeroteca Municipal de Lisboa***

Dossier Digital (*vide*: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/IGuerraMundial/IGuerraMundial.htm>)

### ***Liga dos Combatentes***

CEP e Cruzada das Mulheres Portuguesas

Fotos/Fundo Arnaldo Garcês

Fotos/Fundo Grande Guerra

Série Postais do Fundo Grande Guerra

### ***Internacionais***

#### ***Archives Diplomatiques/Ministère des Affaires Étrangères***

1CPCOM – Guerre (1914/18)

4CPCOM – Paix

107CPCOM – Portugal (1918/29)

192CPCOM – Correspondance Politique et Commerciale (1896/1918)

***Arquivo Histórico de Moçambique***

Direção de Administração Civil – Instrução e Culto

Direção dos Serviços de Administração Civil – Secção Militar

Direção dos Serviços dos Negócios Indígenas – Militar

***Gaumont Pathé Archives***

Desembarque do CEP em Brest, visitas do Presidente da República e de Norton de Matos ao CEP

***Imperial War Museum***

Depoimentos orais, filmes, fotografias e papéis privados *Vide:* <https://www.iwm.org.uk/collections>

***National Archives***

ADM – Admiralty

AIR – Air Ministry and Royal Air Force

BT – Board of Trade

CAB – Cabinet Office

CO – Colonial Office

FO – Foreign Office

MH – Ministry of Health

MUN – Ministry of Munitions

T – HM Treasury

TO – Transport Office

WO – War Office

***National Archives of South Africa***

SAB – Public Records of Central Government since 1910

***Service Historique de la Défense***

5 N – Cabinet du Ministre

6 N – Fonds Clemenceau

7 N – E.M.A./1<sup>er</sup> e 2<sup>e</sup> Bureau e Attaches Militaires/Portugal e Grande-Bretagne

14 N – Fonds Joffre et Foch

15 N – Grand Quartier General des Armees Alliees

16 N – Grand Quartier General/1<sup>er</sup> Bureau, Direction de l'Arriere e T.O.E.

17 N – Mission Militaire Française Pres l'Armee Britannique

***Impressas***

*A Capital*

*Diário da Câmara dos Deputados*

*Diário do Congresso*

*Diário do Governo*

*Diário do Senado*

*Ilustração Portuguesa*

*O Miau*  
*O Século Cómico*  
*Ordens da Armada*  
*Ordens do Dia do Corpo de Marinheiros da Armada*  
*Ordens do Exército*  
*Portugal na Guerra*  
*Revista Militar*

## **BIBLIOGRAFIA**

BORGES, João Vieira ; DIAS, Eurico Gomes ; MARQUES, Isabel Pestana – *Diário de Campanha do General Fernando Tamagnini, Comandante do CEP*. Lisboa : Comissão Portuguesa de História Militar, 2018.

MARQUES, Isabel Pestana – *Memórias do general: “Os Meus Três Comandos” de Fernando Tamagnini*. Viseu : Sacre/Fundação Mariana Seixas, 2004.

REZENDES, Sérgio – *A Grande Guerra nos Açores. Memória Histórica e Património Militar*. Ponta Delgada : Universidade dos Açores, 2008. 452 f. Tese de mestrado.

*Idem* – O Depósito de Concentrados Alemães na ilha Terceira. As memórias de uma reclusão forçada. “Revista Insulana”. Ponta Delgada : Instituto Cultural de Ponta Delgada, Vol. LVIII, (2002) p. 67-150.

TAVARES, João Moreira – *Memórias da Grande Guerra no Arquivo Histórico Militar*. “Jornal do Exército”, Lisboa. n.º 640. (agosto/setembro de 2014) p. 36-43.

*Idem* – Memórias da Grande Guerra (1914-1918) no Arquivo Histórico Militar [Em linha]. Disponível: «<http://www.portugalgrandeguerra.defesa.pt/Paginas/ArtigosTextos.aspx>».

*Idem* – Memórias da Grande Guerra: passado, presente e futuro. In *Nação e Defesa – Leituras da Grande Guerra*. Lisboa : Instituto de Defesa Nacional, n.º 145 (2016), p. 33-43.

*Idem* – Testemunhos da Grande Guerra no Arquivo Histórico Militar: África e Tancos (1914/1916). In *Atas do XXIII Colóquio de História Militar – Portugal, 1914-1916. Da Paz à Guerra*. Lisboa : Comissão Portuguesa de História Militar/Universidade Católica Portuguesa, 2015, p. 379-390.

TELO, António José e SOUSA, Pedro Marquês de – *O CEP – Os Militares Sacrificados pela Má Política*, Porto : Fronteira do Caos, 2016.

## **SÍTIOS NA INTERNET**

<http://www.memorialvirtual.defesa.pt> .

## NOTAS

- 1 Entende-se por fundo: o conjunto de documentos de arquivo proveniente de uma única entidade. É a mais ampla unidade arquivística.
- 2 O seu endereço é: <https://arqhist.exercito.pt/> .
- 3 Guarda a documentação que se encontra numa situação transitória, isto é, que já não tem uma utilização corrente, mas em que há a necessidade de a manter acessível devido ao seu valor administrativo e legal.
- 4 A sua cota é PT/AHM/DIV/1/35/1270B.
- 5 O seu endereço é <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/> .
- 6 A sua cota é PT/ACMF/DGCP/16/006.
- 7 Em 2018, o diário de campanha e antes, em 2004, as memórias. Veja-se: MARQUES, Isabel Pestana – *Memórias do general: “Os Meus Três Comandos” de Fernando Tamagnini*. Viseu : Sacre/Fundação Mariana Seixas, 2004 e BORGES, João Vieira ; DIAS, Eurico Gomes ; MARQUES, Isabel Pestana – *Diário de Campanha do General Fernando Tamagnini, Comandante do CEP*. Lisboa : Comissão Portuguesa de História Militar, 2018.
- 8 Veja-se: REZENDES, Sérgio – A Grande Guerra nos Açores. Memória Histórica e Património Militar. Ponta Delgada : Universidade dos Açores, 2008. 452 f. Tese de mestrado.  
*Idem* – O Depósito de Concentrados Alemães na ilha Terceira. As memórias de uma reclusão forçada. “Revista Insulana”. Ponta Delgada : Instituto Cultural de Ponta Delgada, Vol. LVIII, (2002) p. 67-150.
- 9 A sua cota é PT/AHP/SEN/MSEN/S5.
- 10 PIRES, Ana Paula – *Portugal e a I Guerra Mundial. A República e a Economia de Guerra*. Casal de Cambra : Caleidoscópio, 2011.



Comissão Portuguesa de História Militar



Comissão Coordenadora da Evocação do Centenário da I Guerra Mundial